

A QUESTÃO DA FRAGILIDADE HUMANA EM EURÍPIDES E WINNICOTT

CID VALLE DE SOUSA

Estou chamando de 'fragilidade', o tipo de relação que o 'núcleo consciente do eu' estabelece, necessariamente, com os diversos ambientes nos quais está inserido. Estes ambientes, envoltórios deste núcleo, são: o mundo externo, o organismo não-psíquico e todo o psiquismo não incluído neste 'eu-consciente', ou seja, o inconsciente dinâmico e as regiões inconscientes do Ego. As regiões pré-conscientes do Ego estão incluídas no 'núcleo'. A idéia é pensar essa região como vivendo em envoltórios que funcionam como exterioridades densas¹ que, como tais, interagem fortemente com ela; e, em seguida, estudar estas interações, o que implica estudar os seus efeitos intrapsíquicos, ou seja, as construções psicológicas diretamente ligadas a elas.

Com isto, estou me referindo a fatos inerentes à vida de cada um de nós: acidentes, doenças, as experiências em geral que produzem em nós a vivência de impotência. Também me refiro àquelas experiências em que nos confrontamos com o contrário do que consideramos o mais verdadeiro de nós mesmos. Mas, em certo sentido, e principalmente, estou me referindo às construções mentais que criamos diante destas experiências.

Cid Valle de Sousa é psicólogo e doutorando em Psicologia Clínica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Neste particular, o psicólogo clínico, trabalhando no consultório e no hospital geral, tem vivências bem específicas, mas a lista suficiente de exemplos ultrapassaria de muito os limites deste artigo.

Na prática clínica e na vida, estas questões aparecem em geral, como 'dissociações dentro do eu'. Por exemplo, um pai para quem a coisa mais importante é seu filho, a quem realmente sempre dedicou o melhor de si. No entanto, ao mesmo tempo é com este filho que tem os maiores e mais dolorosos conflitos de relacionamento de toda sua vida. Este fato o desespera e angustia, ele já fez tudo o que pode imaginar, inclusive procurar análise, e, ainda assim, não consegue se entender com este filho. Este pai pode ter consciência, ou não, da sua participação na origem destes problemas, mas, em ambos os casos, ele sente como parte de seu 'eu' o forte desejo de uma boa relação com o filho e, como parte de um incompreensível 'não-eu', as dificuldades insolúveis que vive. A idéia da possibilidade de dissociações nos aspectos mais nucleares do 'eu', é plenamente familiar à psicanálise há muito tempo. Mas articulá-la numa discussão geral sobre a fragilidade humana, considerando esta discussão como seu contexto mais próprio, é algo que só tem recebido repostas confusas dos analistas. O principal motivo para isto parece ter sido a adesão da psicanálise à ideologia da razão autônoma.

Vou citar apenas um exemplo, referente a Freud, mas que é tão notório que me parece ser suficiente para caracterizar pelo menos um momento (marcante) de seu pensamento. Em um de seus mais importantes textos², referindo-se às relações entre o ego e o id, Freud usa uma metáfora segundo a qual o ego é como um cavaleiro montado em seu cavalo-id. Na maturidade, ou ao longo do tratamento analítico, o ego faz o mesmo que o cavaleiro: domina seu cavalo (no texto Freud não foi tão simplista assim, mas a imagem que ficou notória é esta aqui indicada).

É importante esclarecer que aqui não me refiro ao tema filosófico da liberdade humana. Não há nenhuma implicação de teses determinísticas, fatalistas, niilistas ou de qualquer outro sistema filosófico, metafísico ou não, de teor semelhante. Este é um trabalho derivado estritamente de uma experiência profissional de psicanálise aplicada no consultório e no hospital geral. O recurso a Eurípides se deve ao fato de que os gregos refletiram muito sobre estas questões e à minha opinião pessoal de que eles têm muitas coisas a ensinar ao psicanalista.

Por exemplo, voltando à metáfora de Freud citada acima, é curioso notar que eles tinham uma imagem para o mesmo tipo de experiência humana, só que bem mais satisfatória: a imagem do centauro. A metáfora

de Freud ficou famosa em um mundo imbuído do ideal da racionalidade autônoma, mas é toda ela inadequada: cavaleiro e cavalo são dois organismos separados; o cavaleiro de fato pode dominar, em certos casos, seu cavalo; o cavaleiro pode desmontar de seu cavalo ou nunca montá-lo, etc. Como supor que esta imagem descreve a relação entre duas regiões psíquicas de uma pessoa? Já a imagem do centauro, que provavelmente desagrade ao mundo civilizado por suas implicações 'animalescas', vai direto ao ponto ao tornar cavaleiro e cavalo um único organismo. O centauro possui tronco e cabeça humanos, sendo então, em certo sentido, plenamente humano; ao mesmo tempo, só não tem do cavalo a cabeça e o pescoço, sendo por isso também quase plenamente cavalo; o centauro é, portanto, ao mesmo tempo, um e dois; em particular, os órgãos genitais do centauro, não estão na parte humana, o que, considerando-se as concepções de Freud sobre o homem adulto e sobre o inconsciente, é um detalhe altamente freudiano.

Em síntese, a imagem do centauro expressa bem a questão porque: 1) para um ser humano, ser simultaneamente um cavalo, é uma forma de um inaceitável 'não-eu'; 2) o 'eu' é frágil nesta imagem porque não consegue realizar seu autêntico desejo de ser inteiramente um humano; 3) o 'eu' também é frágil porque, de alguma forma, a 'parte cavalo' é tão autêntica quanto a parte humana e, também, forte o bastante para continuar existindo apesar dos esforços do 'eu' para destruí-la.

I. WINNICOTT

Winnicott é um dos poucos autores psicanalíticos que responde à estas questões de forma consistente e fértil. Toda sua teoria de desenvolvimento infantil e humano se baseia na idéia de uma 'mãe-ambiente', que poderá ser adequada ou não. A mãe-ambiente será adequada quando der respostas em função do desejo do bebê e não em função dos desejos dela. Assim, quando o bebê tiver fome, emitirá um sinal (chorar), a mãe entenderá o sinal e responderá de forma adequada ao 'instinto fome'. Mas também poderá acontecer de o bebê emitir um outro sinal, ou não emitir sinal nenhum, mas a mãe entender que a criança tem fome e providenciar alimento. No primeiro caso o conjunto de procedimentos da mãe será vivido pelo bebê como tendo sido 'criado' pelo seu 'instinto fome', vivido como real. Com isto vai sendo formada uma relação cheia de significado entre os instintos do bebê (fome) e o mundo real (procedimentos adequados a partir do 'problema' fome). No segundo caso, a comida e, mais grave ainda, o comer, não terão relação com nenhuma transformação real na

vida instintiva da criança. Com isto o comer não será percebido como coisa real, mas sim artificial e vazia.

Para Winnicott, todo o desenvolvimento humano se baseia nestes dois tipos de protótipos de vinculação pessoa-ambiente. Todos os tipos de psicopatologia derivariam do 2º protótipo e o modelo básico de doença mental seria, não as psiconeuroses, mas sim a psicose, porque na psicose o paciente estaria lidando com a questão central de sentir-se real ou não, o que equivale a ser ou não capaz de estabelecer relações significativas com o mundo. Para se ter uma idéia da importância disto basta acrescentar que não estabelecer relações significativas com o mundo significa o desenvolvimento de uma depressão cujo resultado mais provável é o suicídio.

II. EURÍPIDES

Escolhi tratar de apenas uma peça de Eurípides: Hécuba. Dentro da linguagem deste artigo podemos entender esta peça como sendo a estória de uma pessoa que teria tido ao longo de sua vida um 'eu' integrado e coerente, e que a partir de certas experiências que sofreu viu seu 'eu' ser transformado em um 'não-eu'.

Hécuba era rainha de Tróia. Com a derrota na guerra foi transformada em escrava junto com a filha Políxena. Um outro filho, Polidoro, fora, anteriormente, mandado para a casa de um amigo de máxima confiança, Polimestor, rei de Quersoneso. Mas Polimestor mata Polidoro, ainda uma criança, para ficar com o ouro que viera junto com o príncipe. Hécuba, viúva e em cativeiro, tem sua filha Políxena morta em sacrifício, mas se consola com a nobreza que a filha demonstrara diante da morte.

Com a descoberta da morte de Polidoro, Hécuba não resiste ao acúmulo de sofrimentos e se transforma em ódio paroxístico. Atrai Polimestor e seus filhos a uma armadilha. Com a ajuda de outras troianas escravas mata as crianças e cega Polimestor. Como vingança este profetiza a transformação de Hécuba em cadela. Vou seguir a interpretação desta peça dada pela Prof^a. Nussbaum³: Polidoro compara o desenvolvimento humano ao de um vegetal (v. 20), dependente dos ambientes terra, água, ar e luz nos quais está inserido. Hécuba rejeita esta imagem porque considera o caráter da pessoa nobre capaz de ser forte diante da adversidade (vv. 590 e ss). Ela parece acreditar em uma ética (nomos) baseada em um trato social, um esquema de valores de caráter relacional, e que este ato convencional se origina em opções e percepções apenas humanas, sem nenhuma divindade que legitime em última instância, os valores conven-cionados. Isto aponta para uma concepção ética frágil,

porque sujeita às transformações sociais. Mas Hécuba acredita que os valores nobres são sólidos.

A existência do 'caráter nobre' depende essencialmente do meio-ambiente. Faz parte deste caráter: o confiar, o ser generoso, o ser aberto em relação ao outro. Mas se o meio-ambiente em que se vive é traiçoeiro e hostil, uma pessoa razoável não continuará exibindo tais traços de caráter. Em consequência terá deixado de ter um caráter nobre.

Durante boa parte da peça Hécuba mantém sua nobreza ética, apesar do sofrimento. A descoberta do cadáver de Polidoro produz uma mudança súbita e radical. Polimestor foi um hóspede (*xenos*) e um amigo (*philos*). Na Grécia antiga este tipo de relação indicava a mais profunda e sagrada vinculação possível entre dois seres humanos. O dar e receber hospedagem implicava em obrigações de cuidados e proteção invioláveis. Quando duas pessoas com este tipo de relação se confrontavam em batalha, interrompiam os combates. Polimestor e Hécuba estavam assim ligados pelos mais importantes laços de amizade e confiança que a sociedade grega podia conceber.

Quando Hécuba vê o filho morto e logo entende o que aconteceu, exclama horrorizada que está diante de coisas novas. Ela já vinha perdendo suas estruturas existenciais, mantenedoras do sentido e organização de sua vida: de rainha, se tornara escrava; de esposa, se tornara viúva; seus filhos eram ou mortos ou escravizados ou prostituídos (Cassandra). A morte de Políxena, terrível em si mesma, fora, por outro lado, uma afirmação de uma qualidade de caráter e de vida que também vinha sendo dela, Hécuba, por toda sua existência. Mas ao ver o cadáver de Polidoro, este *nomos* que era, talvez, o último e mais central elemento de toda sua estrutura existencial, foi destruído instantaneamente: tudo passou a ser novo, surge um novo mundo. Este novo *nómos* é o *nómos* da vingança. O caráter de Hécuba se reestrutura de outra forma. O novo *nómos* é solitário, não une as pessoas, ao contrário as afasta irremediavelmente.

A linguagem também muda. As palavras não são mais usadas em seus sentidos habituais. Hécuba ataca agora a educação convencional que recebeu e elogia um único valor: a persuasão (vv. 814 e ss.). Ela quer que todo o seu corpo se transforme em retórica a serviço de seus fins específicos (vv. 836 e ss.). As palavras também se transformam em função de seus desejos. Em vez de serem veículos que constituem vínculos de confiança, elas se tornam instrumentos de realização de quaisquer desejos. A vingança passa a ser o único referencial.

Em função de seus crimes Hécuba ouve a profecia de Polimestor de que se transformará em uma 'cadela de olhos flamejantes' (v. 1265), o que, de fato, virá a acontecer. O cão, na Grécia antiga, ocupa um dos últimos lugares na escala de valores relativa aos animais. É desprezado e temido como o animal que persegue sua presa até matá-la e que come os cadáveres que não são sepultados, violando uma das leis mais sagradas da sociedade. É o animal que representa um dos extremos do desprezo a qualquer *nómos*. Em sua transformação, a coragem de Hécuba se torna ousadia impudente, que excita as troianas enquanto elas assassinam as crianças de Polimestor; sua prudência se transforma em astúcia solitária, sem respeito por quaisquer limites; a justiça se transforma em instrumento de punição pessoal. Assim, Hécuba se transformou numa cadela.

Como já mencionei, a psicologia clínica de orientação psicodinâmica é um lugar especial para se observar este campo de fenômenos. Assim, vou finalizar com um exemplo resumido: Foi internado no setor de doenças coronarianas do hospital onde trabalho, um paciente de meia idade com IAM (infarto agudo do miocárdio). Pessoa arrogante, autoritária, agressiva, logo granjeou a antipatia da equipe, e meu grupo de psicologia hospitalar foi chamado. O paciente comportou-se com a psicóloga da mesma forma como fazia com as outras equipes. Rejeitador, muitas vezes se recusava a sequer dirigir a palavra a quem ia ao seu leito. Quando falava alguma coisa era sempre para dizer que queria ir embora imediatamente. Surdo para todas as explicações sobre porque ele não podia ter alta, ameaçava as pessoas, caso não o deixassem ir embora. Fazia constantes referências a suas amizades políticas, também com intuito ameaçador: conhecia o prefeito X, o deputado Y, o empresário Z, todos o ajudariam, bastando que os chamasse. A irritação da equipe médica era tão grande que já estava se dispondo a dar realmente alta ao paciente. Numa das poucas vezes que aceitou dirigir a palavra à psicóloga disse que sempre fora homem de enfrentar qualquer coisa (alongou-se neste 'tema'), e que portanto queria saber logo se o que tinha era câncer ou aids!

Este caso é um interessante exemplo de uma das estratégias que as pessoas usam para lidar com as contradições que atingem o núcleo de nosso 'eu' e que nós não conseguimos modificar.

Sem dúvida, a coerência interna é um dos valores essenciais para nós. Muitas vezes é um critério fundamental de virilidade. Mas também é valorizado nas mulheres. Este paciente se tinha em conta de homem 'macho'. O único assunto que ele abordara mais longamente fora este. Mas agora ele estava em pânico. Se sentia assustado como aqueles que ele

parecia ver como covardes desprezíveis. Seu medo era tanto que ele não suportava ficar na posição de doente recebendo o tratamento adequado para sua doença: claro que o tipo de tratamento lhe revelava a gravidade de seu caso. Sua solução para este conflito sentido como sem saída e desesperador foi inventar duas alternativas da maior gravidade, porém fictícias. Se ele tomava uma atitude de 'macho' diante do câncer e da aids, ele continuava se sentindo destemido (o que parecia ser condição estruturante necessária de sua personalidade) e, ao mesmo tempo enfrentava um perigo possível de ser enfrentado, já que falso (coisa que, no fundo, ele não podia deixar de saber).

Entendo que Eurípides, assim como muitos gregos, desde o século V, e mesmo antes com a lírica, no século VII ou com Aristóteles posteriormente, e até o século II, com escolas como o epicurismo e o estoicismo), possuíam uma intuição sobre psicodinâmica comparável à dos melhores analistas atuais. Assim, por exemplo, o tema da necessidade humana de coerência interna, que parece ser de grande importância como defesa contra as vivências de fragmentação da personalidade, também está presente nesta peça. Não há relato de conflito interno em Hécuba. Depois de assumir o 'novo *nomos*', ela fica 'inteira', possuída por esta 'lei da vingança'. Sem dúvida ela tinha ao seu dispor um 'pensamento-resposta' para qualquer conflito que surgisse: ela teria o direito de vingança, já que sofrera tão grave ofensa. Este direito era reconhecido na Grécia antiga, e de tal forma, que há autores que centram suas interpretações desta peça neste direito⁴.

Mas Eurípides também sabia que um *nomos* que fora tão inerentemente parte de uma personalidade durante toda uma vida (Hécuba era uma rainha e uma anciã), não pode ser tão violado impunemente. A prof^a Nussbaum não explora este ponto, mas creio que podemos dizer que a transformação de Hécuba em cadela foi, essencialmente, uma resposta de Hécuba a si mesma. Ela se tornou, em toda a literatura ocidental posterior, um símbolo do paroxismo do sofrimento, por bons motivos. Ela foi destruída de forma duplicada: primeiro o ambiente destruiu todo o esquema de valores e de afetos no qual viveu toda sua vida; depois, e talvez pior ainda, ela se tornou agente, com furiosa convicção, dos piores aspectos deste mesmo ambiente. Neste sentido a peça é o relato de uma pessoa que viveu, 'na forma mais flamejante', o 'eu' e o 'não-eu'. E este é um tema nosso, cada um de nós é, também, o contrário de si próprio.

NOTAS

1. ANDRADE, 1996
2. FREUD, 1932, p. 77
3. NUSSBAUM, 1986, p. 397 e ss.
4. MOSSMAN, 1995, p. 164 e ss.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, RACHEL GAZOLLA DE. *Ethos, Pólis y Libertad*. Conferência no 1º Congresso de Filosofia do Cone Sul, Córdoba, Argentina, 1996
- FREUD, S. *New Introductory Lectures on Psycho-Analysis*. Standard Edition of the Complete Psychological Works of S. Freud, vol XXII, London, Hogarth Press, 1975
- NUSSBAUM, MARTHA. *The Fragility of Goodness*. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1986
- MOSSMAN, JUDITH. *Wild Justice – A Study of Euripides' Hecuba*. New York, Oxford Univ. Press, 1995
- EURÍPIDES. *Hécuba*. (A edição que usei mais intensivamente foi: Biblioteca Clássica Gredos, vol 4, Madrid, 1983).